

A literatura russa de Aitmatov

Tanira Castro

Tchinguiz Aitmatov é um popularíssimo escritor soviético, conhecido internacionalmente. Nasceu em 1928 e criou-se na longínqua aldeia de Ail da Kirguísia, localizada nas regiões montanhosas da Ásia Central. A sua infância coincidiu com o período da Segunda Guerra Mundial quando, ainda adolescente, teve que trabalhar como adulto e passar por momentos terríveis. Aos quatorze anos já trabalhava como secretário na prefeitura de Ail, resolvendo os problemas mais diversos e variados de sua aldeia. Em 1953 concluiu o Curso de Veterinária na Kirguísia e durante três anos trabalhou como técnico veterinário em uma fazenda onde se criava gado. Em 1952 Aitmatov publicou os seus primeiros contos, continuando assim a escrever e publicar ininterruptamente. Em 1956 viajou a Moscou para realizar estudos de nível superior no Instituto Gorki de Literatura. Sua primeira novela *Djamília*, publicada em 1958, trouxe-lhe muita popularidade. Logo a seguir publicou a novela *O primeiro Professor*, em 1962; *O Campo Materno*, em 1965; *Adeus, Gulsari*, em 1966. *O Navio a Vapor Branco*, em 1970 e *O Cão Malhado à Beira-Mar Correndo*, em 1977. Depois foram publicados os seguintes romances: *A Tempestade de Neve na Estação*, em 1980; *O Cadafalso*, em 1986 e *Um Dia que durou mais que um século*, em 1988.

A seguir apresento um pequeno fragmento da novela *O Cão Malhado à Beira-Mar Correndo*, que retrata um caso singular. A novela inspira-se num caso real que o escritor nivkho¹ Vladimir Sanguí narrou ao autor. Assim, unindo a experiência vivida pelo amigo e as suas próprias reflexões sobre os valores essenciais da vida humana, Tchinguiz Aitmatov, criou uma maravilhosa "poesia em prosa", uma obra filosófica em que, exaltando o espírito de sacrifício, nos conta como as pessoas se fazem gente. Com esta obra o autor quis levar o leitor a pensar nos valores mais profundos de moral, de dever e, portanto, em tudo aquilo que nos faz mais gente.

Esta novela já foi traduzida e reeditada várias vezes em muitas línguas. Na Itália, em 1980, a novela "O Cão Malhado à Beira-Mar correndo" foi distinguida com o prêmio literário "Por um profundo humanismo".

Nas palavras do escritor: "Uma boa literatura foca os problemas mais complexos e atuais da vida, de modo a levar o leitor a conhecer, amar e lutar por tudo o que há de bom no homem e na sociedade, pois este é, ao meu ver, o objetivo supremo da arte."

Tanira Castro é professora na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹ Região da Sibéria.

No escuro de uma noite negra e impregnada por uma umidade fria, por toda a costa do mar de Okhotsk, por toda a beira mar — campo de uma guerra, onde se encontravam e mediam-se frente a frente, numa eterna luta acirrada, dois grandes elementos: a terra e o mar, que furioso, não se cansava de atirar-se ao assalto.

Nas trevas, o mar bramia e gemia sem um instante de paz, investindo e rebentando contra os rochedos. Detendo os golpes, a terra dura e pétrea, rimbombava, com surdos baques cavernosos.

E desde a criação do Mundo, desde que o dia concebera outro dia e a noite concebera outra noite, esta luta prossegue num afã constante, todos os dias e todas as noites, até deixarem de existir, no tempo infundável, a terra e a água.

Todos os dias e todas as noites...

Mais uma noite que passava. A noite que precedia o lançar-se ao mar. Naquela noite, ele não conseguia conciliar o sono. Assim conheceu a insônia, até então dele desconhecida. A excitação não o deixava dormir, desejoso de, quanto antes, ver raiar o dia, para, imediatamente, se lançar ao mar. Deitado na pele de foca, sentia, debaixo de si, vibrar de leve a terra, batida pelo mar, ouvindo os vagalhões estrondearem no golfo sem um breve instante de folga. Não dormia, não, de ouvidos atentos à noite...

Outrora, tudo tinha sido muito diferente. Agora, até custava a acreditar, parecia mentira, sendo porém uma grande verdade, embora ninguém a conheça, nem faça a mínima idéia de que, se não fosse, naqueles tempos muito idos, a Pata Luvre, o Mundo teria sido outro: a terra não teria feito frente à água, nem esta teria feito frente à terra. Que ao princípio, isto é, ao princípio dos princípios, não havia sobre a face do abismo nem um grãozinho de terra, nada. Tudo era água, só água. Esta nascera das suas próprias entranhas, vinda, no seu rodopiar, dos negros abismos e dos poços sem fundo. E a água infinita, rolos sobre rolos, alastrou em ondas para todos os lados do mundo, ainda sem norte: de nenhuma parte para parte alguma.

Ora, a Pata Luvre, essa mesma, verdade das verdades, a pata-brava de bico chato, dessas que ainda hoje passam velozes, aos bandos, sobre a nossa cabeça, naqueles tempos remotos sobrevoava muito a face das águas, sem encontrar onde pôr o seu ovo. Que o mundo todo só era água, nem sinal dum lugarzinho onde pudesse fazer ninho.

Lá andava a Pata Luvre, grasnando, com medo de não suster o ovo, com medo de o deixar cair nos abismos imensos, sem fundo. Lá andava ela, mudando de rumo: à sua frente, à esquerda, à direita, por todo o lado, via apenas as ondas rolando; tudo em redor era a grande Água, uma água sem balizas nem margens,

uma água sem princípio nem fim. Não aguentando mais, teve a Pata Luvre a segura certeza de, em todo o mundo, não haver lugar onde se fazer um ninho.

Foi então que, pousando na água, a Pata Luvre tirou do peito quantas penas eram precisas para um ninho. E o fez. Foi esse ninho flutuante que deu início à terra. E pouco a pouco, foi a terra crescendo; e pouco a pouco, foi a terra povoando-se dos seres vivos mais diferentes. O homem, todavia, superou-os a todos, tomando o jeito de, na neve, andar de esqui e, na água, de barco. Passou, pois, o homem a caçar animais e a apanhar peixes, assim se alimentando e multiplicando-se.

Só que a Pata Luvre estava muito longe de adivinhar as complicações que viriam ao mundo com a criação, em pleno reino das águas, de terra firme. Que, desde o surgir da terra, o mar nunca mais teve sossego; desde então, o mar move guerra à terra, a qual lhe responde do mesmo modo. Metido entre esses dois furores, o homem, por vezes, passa maus bocados, ora entre a terra e o mar, ora entre o mar e a terra. E, ainda por cima, o mar mostra a sua aversão pelo homem, por este se ter afeiçoado mais à terra...

Pouco faltava para o romper da manhã. Outra noite se acabava, estava entrando outro dia. Sobre o pano de fundo da penumbra pardacenta, tornava-se cada vez mais nítida, a lembrar um beijo de rena envolto no bafo azul-cinza da respiração, o marulhar das ondas fervendo junto à costa. O mar respirava a plenos pulmões. Toda a beira-mar era a arrebentação e por sobre o redemoinho frio da exalação das águas: o bramir das ondas, teimoso, ecoava ao longo de todo o litoral.

As vagas não se cansavam — vagalhão atrás de vagalhão assaltavam a terra, vencendo a camada fria e áspera da areia molhada, os montões cinzentos de pedras escorregadias; subindo, subindo até perderem o folego; vagalhão atrás de vagalhão, morriam, qual um suspiro, depois de darem tudo por tudo, deixando apenas, como memória de si, a espuma instantânea e o cheiro a algas.

De quando em vez, as ondas arrastavam para o areal pedaços de blocos de gelo, que o movimento primaveril do oceano para ali levou sabe-se lá de onde. Atirado para a areia, o gelo logo se transformava em absurdos e desamparados pedaços de mar congelado. Outras ondas, no seu rápido recuo, restituíam-nos ao seu elemento, puxando-os para o mar alto.

As trevas desfizeram-se. O dia crescia, parecendo beber mais e mais a luz. Aos poucos, a paisagem da terra destacava-se; aos poucos, clareava o mar.

Ainda sobressaltadas com o vento da noite, as ondas chegavam à costa em filas alinhadas com muita espuma por cima; na rebentação, continuavam muito agitadas, mas, ao longe a perderem-se de vista, o mar estava submisso e quieto, plúmbeo, entregue a uma ondulação pesada.

Nuvens deslizavam pelo céu, deslocando-se das bandas do mar para os outeiros da costa.

Ali, na proximidade da enseada do Cão Malhado, erguia-se, numa cadeia de muitas colinas que entrava de viés pelo mar, um rochedo que dominando tudo, lembrava, visto de longe, um enorme cão malhado à beira-mar correndo. Com

² AITMATOV, T.T. Cão malhado à beira-mar correndo. In: ____ *Dois Romances e uma Novela*. Ed. Kirguistan, 1988. (Novela de Tchinguiz Aitmatov dedicada a Vladimir Sangui).

Tradução: Tanira Castro.

matagal a cobrir-lhe as encostas e exibindo, quase até ao pino do Verão, qual uma grande orelha pendente, uma mancha de neve na cabeça e outra, maior ainda e também branca, no ventre, a ponta do Cão Malhado animava a paisagem.

Ali, na enseada do Cão Malhado, era quase dia, quando um barco se fez ao mar. Nele seguiam três caçadores e um menino. Agarrados aos remos, quatro ao todo, dois homens, ainda rijos e não muito idosos, impeliavam o barco. Sentado na popa, mão no leme, ia o mais idoso, de cachimbo de madeira nos dentes, fumava com seus vagares; os ossos esticavam-lhe a pele morena, pomo-de-adão muito saliente, cheio de rugas, sobretudo, o pescoço, que parecia talhado em pedra enrugada, e mãos a condizer — largas, nodosas, cobertas de cicatrizes. Cabelos brancos, duma brancura quase de neve. As sobrancelhas brancas destacavam-se nitidamente no rosto moreno. O velho, por hábito, semicerrava os olhos, avermelhados e lacrimosos; não admira, pois passou a vida a olhar o espelho das águas, onde o sol põe cintilações, e agora parecia governar o barco de olhos fechados. No outro lado, no bico da proa, aninhado como uma galinha observando volta e meia os adultos e quieto a muito custo, com receio de desiludir o ancião severo, seguia o garoto, olhos negros dos seus onze ou doze anos.

O menino ia alvoroçado. A emoção dilatara-lhe as narinas e espalhara-lhe pelo rosto sardas, normalmente pouco visíveis. Nisto, saía à mãe, a quem também surgiam sardas quando emocionava-se. O garoto tinha motivos de sobra para tanta excitação, esta saída para o mar tinha como único fim iniciá-lo no ofício de caçador. E por isso mesmo, como uma galinha, Kirisk estendia os olhos e o pescoço em todas as direções, observando tudo, extasiado, e dando sinais de grande impaciência. Ia pela primeira vez ao mar alto com caçadores a sério, ia à caça, à caça grossa, à caça para valer, ia na grande canoa do clã. O seu desejo era deixar o lugar e apressar os remadores, pegar ele mesmo os remos, dar o melhor de si para que o barco alcançasse quanto antes as ilhas onde ia dar-se a grande caçada. Mas estes desejos corriam o risco de serem avaliados pela gente crescida como coisa pueril e ridícula. Receando-o, tudo fazia para não se trair. O seu entusiasmo, porém, era mais forte do que a sua vontade. Não conseguia refrear a intensa felicidade que lhe afogueava as faces morenas e enrijecidas. Traíam-no, sobretudo, os olhos, que, muito puros, fulguravam de alegria e orgulho, que faziam transbordar a sua alma de felicidade. Pela frente estava o mar, pela frente estava a caça !!!

O velho Organ compreendia-o. Enquanto, de olhos cerrados, determinava o rumo a dar à canoa, não deixava de perceber o estado do garoto que, impaciente, não conseguia estar quieto. Nos olhos do velho passava um enternecimento — a infância, criança!..... Mas logo reprimia, chupando exageradamente o cachimbo meio-apagado, o sorriso que lhe nascia nos cantos da boca. Abrir-se num sorriso, nem pensar. Que o garoto, se ia ali na canoa, não era por simples divertidas brincadeiras. Tinha que estrear a sua vida de caçador no mar. Tinha que estrear para, um dia, vê-la findar também em pleno mar, pois era a sina de qualquer caçador marítimo, pois ofício mais difícil e perigoso que este não há. Por isso, tinha que ganhar têmpera desde pequeno. E era por isso que o povo de

antigamente dizia: "Do céu vem o siso, de pequenino vem o jeito". E mais: "Mau caçador para todos é um peso". Era assim: para um dia vir a ser o arrimo da família, cada rapaz tinha, desde pequeno, começar a dominar o ofício. Chegara a vez do Kirisk: era hora de o encaminhar na vida, de lhe dar a conhecer o mar.

Todos sabiam, todo o povo do clã da Mulher-Peixe localizado junto à ponta do Cão Malhado, sabiam que aquela saída só se fazia por causa do garoto, o futuro caçador e arrimo do clã. Era o costume: cada garoto devia, desde pequeno, começar a dar-se bem com o mar, para que este o conhecesse e para que o garoto o respeitasse. Por isso se fizeram ao mar o próprio Organ, ancião do clã, e os dois melhores caçadores — Enraim, pai do garoto, e Milgun, primo de Enraim, cumprindo assim o sagrado dever da gente grande para com a gente pequena, desta vez para com ele, o menino Kirisk, que, a partir daí, ia dar-se com o mar em dias de sorte e de azar.

Kirisk, claro, era ainda garotinho mal saído do ovo, e não se podia afirmar se ele daria um bom caçador, mas deixá-lo; quem sabe se, quando chegassem a velhos, quando mal pudessem com os ossos e não pensassem já na caça, não seria ele, Kirisk, quem seria o amparo do clã. Assim era necessário, era da vida, e era como acontecia sempre, de geração em geração, de pais para filhos, pois assim é o mundo, desde que o mundo é mundo.